

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

Ernesto Hofer

(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Remanescentes do Massacre de Manguinhos

Entrevistado – Ernesto Hofer (EH)

Entrevistadoras – Laurinda Rosa Maciel (LM) e Pedro Jurberg (PJ)

Data: 23/05/2018

Local: Pavilhão Rocha Lima/Laboratório de Zoonoses Bacterianas/IOC/Fiocruz – Rio de Janeiro

Única entrevista

Duração: 1h16m

Transcrição: Maria Lúcia dos Santos

Conferência de fidelidade: Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

HOFER, Ernesto. *Ernesto Hofer. Entrevista de história oral concedida ao projeto Remanescentes do Massacre de Manguinhos*, 2018. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 38p.

Projeto Remanescentes de Manguinhos

Depoente: Ernesto Hofer (EH)

Entrevistadores: Laurinda Rosa Maciel (LM) e Pedro Jurberg (PJ)

Data: 23/05/2018

LM: Hoje é dia 23 de maio de 2018, nós estamos aqui no Pavilhão Rocha Lima, no Campus de Manguinhos, da Fiocruz, eu Laurinda Rosa Maciel e o Dr. Pedro Jurberg, nós vamos entrevistar o Dr. Ernesto Hofer. Muito obrigada, Dr. Ernesto pelo senhor nos receber, estar disponível pra gente por algumas horas pra gente conversar. Então, como nós conversamos, como nós falamos com o senhor, nós queríamos primeiramente que se apresentasse, o seu nome, onde que o senhor nasceu, se o senhor quiser, se sentir à vontade, quando, onde o senhor estudou, fez os estudos, enfim, e dar uma apresentação assim rápida.

EH: Ta. Está certo. Bom, primeiro, eu acho que não tem necessidade de senhor pra lá, senhor pra cá. Por favor! (**risos**) já não tem essa razão. Bom, meu nome é Ernesto Hofer, eu nasci na cidade do Rio de Janeiro em 17/07/1937, portanto, eu estou cercado de 7.

LM: É.

EH: E toda a minha formação foi através de escola pública, nas escolas públicas e depois eu fiz o curso superior na Escola Nacional de Veterinária.

LM: Sim.

EH: Da Universidade Rural do Brasil que hoje faz parte da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Isso no período de 1957 a 1960. Já no período de 1960, no último ano da faculdade eu já comecei a frequentar e tive alguns contatos dentro do Instituto Oswaldo Cruz.

LM: Certo.

EH: E esses contatos eram realizados principalmente pra determinada... pra conhecimento ou pra trabalhos escolares em função de doenças infecciosas e parasitárias, isso que fez com que eu tivesse contato principalmente na microbiologia com o Dr. Genésio Pacheco, Milton Thiago de Mello e o chefe da sessão de bacteriologia, Dr. Gobert de Araújo Costa. Eu tive sempre durante o meu curso, o contato com pessoas que eram pesquisadores, ou na época biólogos, do Instituto Oswaldo Cruz. Então, da parte de bioquímica com Dr. Fernando Braga Ubatuba.

LM: Ubatuba.

EH: Professor. Tive contato na parasitologia com o Dr. Hugo de Souza Lopes e seu assistente Domingos Arthur Machado Filho.

LM: Filho. Nossa! Só gente boa. (**Risos**)

EH: E por vezes aparecia também pra dar algumas aulas sobre *anopheles* e *aedes* naquela época o Dr. Sebastião [José de Oliveira].

LM: José de Oliveira.

EH: José de Oliveira.

LM: Isso.

EH: Ele apenas era um convidado que aparecia. Por fora ainda tive contato com um professor lá e também como funcionário daqui o Dr. Hildécio Viana... o Dr. Hildécio Viana, até pouco conhecido, mas ele fazia mais a parte clínica. Quando eu terminei o curso... terminei o curso em [19]60, então eu tive a orientação de fazer o curso de saúde pública porque havia uma proposta d'eu realizar um estágio posterior ao curso de saúde pública, para fazer parte da Repartição Sanitária Pan-americana e que ficaria sediado na Guatemala, ou Nicarágua, ou mesmo em Costa Rica com a parte de zoonoses. Tudo bem, então eu entrei fazendo curso de especialização em saúde pública, que era nada mais a Escola Nacional de Saúde Pública; ela tava sediada no Morro da Viúva onde hoje é Instituto... aliás, sempre foi, o Instituto Fernandes Figueira.

LM: Sei.

EH: Só que ocupando o 4º, o 5º e 6º andar. Ali nós tínhamos as aulas com base do giz, quadro negro e giz. Então, era a parte de estatística, a parte de epidemiologia, a parte de fundamentos socioeconômicos, a parte de administração hospitalar etc., eram dados e o resto nós vagávamos pela cidade do Rio de Janeiro. Então, digamos, a parte de microbiologia era nos dada lá pelo Paulo de Góes, professor Paulo de Góes, na Faculdade de Medicina.

LM: Da Universidade do Brasil?

EH: Da Universidade do Brasil naquela época ainda. E depois o prédio foi destruído, né?

LM: Sim.

EH: Logo depois o prédio foi destruído. Tínhamos aula aqui na, ali na [Sociedade] Hahnemanniana, na [rua] Moncorvo Filho, de parasitologia. O professor Rui... Rui alguma coisa, era o professor catedrático e o assistente, o professor adjunto, era o professor Domingos Arthur Machado Filho e daí veio mais esse contato. E aí quando terminou que chegou no meio, houve aquele problema, isso foi em 61 houve aquele problema com a renúncia do Jânio [Quadros].

LM: Sim.

EH: E lá se foi pra o alto todos os meus sonhos em relação a Repartição Sanitária Pan-americana. Então fiquei com uma mão a frente e outra atrás. E quem me acudiu naquele momento foi...

LM: Dr. Domingos?

EH: O Domingos Machado, mas eu já morava em Copacabana e aí já passando encontrei com ele e ele falou: “E aí, o que você está fazendo?”. Eu falei: “Nada, absolutamente ainda estou aguardando alguma coisa, vou fazer concurso em algum lugar.”. “Ah, então eu vou te indicar pra você que você vá...”.

LM: Pra Manguinhos.

EH: Manguinhos. E lá vim eu pra...

PJ: O encontro do destino.

EH: O encontro do destino. E assim foi.

LM: (**Risos**) E está aqui desde essa época?

PJ: Então o senhor está aqui a cerca de 50 anos.

EH: 56 anos.

LM: 56 anos.

EH: 56 anos exatamente.

LM: Certo.

EH: E aí chegamos. Vivíamos, digamos, dentro da maior pobreza possível lá no Pavilhão dos Cursos, aquele primeiro andar...

LM: Sim.

EH: Era a Seção de Bacteriologia.

LM: Do [Pavilhão] Arthur Neiva?

EH: Lá embaixo. Ali era a Seção de Bacteriologia.

LM: Certo.

EH: Com o Dr. Gobert de Araújo Costa. Começou toda a minha vida, minha atividade bacteriológica aqui dentro da instituição. A observação talvez mais foi durante esse período... esse período de 63, eu entrei como bolsista...

LM: Isso que eu ia perguntar, se tinha algum vínculo financeiro, empregatício.

EH: Tinha, tinha. Tinha um vínculo e uma bolsa...

PJ: Uma bolsa que eu também fazia parte dela.

EH: Inclusive a bolsa era a menor possível, mas naquela hora eu aceitei. Era classe D.

PJ: É.

EH: Era pequenininha. E nós tínhamos um problema que era um atraso medonho e muitas vezes nós tínhamos que ir lá no Tesouro Nacional, ali na Rio Branco fazendo fila às vésperas de...

PJ: Pagamento na boca do caixa.

EH: Na boca do caixa...

LM: Como é que pode? (Rindo)

EH: ...Pra risco. Porque senão íamos perder de um ano pra outro. Em 63 então teve um movimento interno etc., e que nós alcançamos então ao cargo de...

PJ: De biologista 17.

EH: É, nível 17 A.

PJ: É, porque tinha o 18 que era o máximo e o nosso era 17.

EH: Ficávamos como biologistas aí, 17. Realmente aquilo foi alguma coisa fantástica que caiu do céu, mas em compensação a tempestade reinava já alguma coisa aqui dentro pela pobreza, da falta de recurso...

LM: O que o senhor chama de pobreza, explica pra gente.

EH: Falta de recursos. Falta de recursos.

LM: É.

EH: Só posso lhe dizer o seguinte: nós vivíamos ali naquela parte e tinha uma sala dita estéril em que nós fazíamos a distribuição dos meios de cultura. Era uma sala toda fechada, de vidro, sem ar-condicionado. Isso ali embaixo no Pavilhão de Cursos [Pavilhão Artur Neiva], no verão... Era uma coisa insuportável!

LM: Na boca da Avenida Brasil é muito quente.

EH: Não, mas ali não tinha problema, ali...

LM: Não. Estou falando por causa do calor mesmo.

EH: É, o calor mesmo. E os recursos também pra instrumental, meios de cultura, drogas...

LM: O que acaba prejudicando as pesquisas, não é isso?

EH: Tudo, tudo, tudo. Foi muito difícil, né?

LM: É difícil, né?

EH: É um momento muito difícil.

LM: Tem que ter perseverança.

EH: É, acima de tudo.

PJ: A instituição estava decadente.

EH: Muito, muito decadente. Houve aquele movimento contra o Joaquim Travassos que era o diretor, né? Em 60, 61, 62, fizeram muito movimento, acabou ele saindo em 62, ou 63 que ele saiu, e que aí deu chance ao aparecimento do [Francisco da] Rocha Lagoa. Aí começou com Rocha Lagoa. Aí foi o primeiro impacto que nós tivemos... nós não conhecíamos absolutamente nada. Sabíamos que havia correntes porque naquela época, você se lembra muito bem, Pedro, que havia uma distinção, havia a elite... nós tínhamos a elite e a elite era demonstrável quando nós almoçávamos, né?

LM: Por quê?

EH: Porque a elite ficava num cantinho bem separada e nós ficávamos lá nos fundos, embora no mesmo ambiente.

LM: Sim.

PJ: Isso já na época do Lagoa.

LM: Antes.

EH: Já foi no... Antes do Lagoa e depois do Lagoa, que nós tínhamos o nosso refeitório lá onde é a Asfoc, na parte superior.

LM: Sim, sim, sim.

EH: Então ali nós tínhamos a coisa...

PJ: Porque na época do [Rocha] Lagoa eu me lembro que ele ocupava a mesa central...

EH: Central.

PJ: Tinha um lugar vazio que ele mandava convidar alguém e era servido por garçom enquanto os outros ficavam com a bandeja.

LM: Ficavam com bandeja.

EH: Não, bandeja não. Era um serviço também por garçom.

PJ: Garçom?

EH: Era só o garçom que tinha.

PJ: Mas eu ainda peguei bandeja aqui no Instituto.

EH: Depois é que veio a bandeja, mas no início tinha o garçom que servia a todos nós, então nós rezávamos pra que tivéssemos um garçom que não fosse um dedo duro. O dedo duro era uma figura singular, ele nos servia muito mal. Nós pedíamos dois bifés, só vinha um bife. **(Risos)**. Dessa natureza. Ele acabou ficando aqui na portaria, que se transformou... o Batista, o Batista que nós chamávamos de dedo duro.

LM: Mas por que só chamava ele de dedo duro?

EH: Dedo duro porque ele não era aberto.

LM: Porque ele não dava dois dedos. **(Risos)**

EH: Então nós entrávamos aqui bem cedo e saíamos bem tarde...

LM: Nossa! Mas era...

PJ: Olha eu já tive refeição aqui que era a única! Que a gente não tinha dinheiro.

LM: É, e aqui era super isolado.

EH: Não tinha mais nada. Nada, nada.

PJ: ... vinha pra cá, fazia até questão de vir. Eu já vim sábado e domingo aqui, tinha trabalho pra fazer, mas estava muito feliz porque eu tinha refeição.

EH: Tinha refeição.

PJ: Aí almoçava no hospital porque o refeitório do hospital funcionava.

EH: Funcionava.

LM: O senhor falou aí que se trabalhava muito.

EH: Muito. Realmente trabalhávamos muito.

LM: Entrava cedinho, né?

EH: Cedo, 8, 9h, e saíamos... eu realmente saía muito às 9h, 10 horas.

LM: Da noite?!

EH: Da noite. Saíamos ali e...

LM: 12 horas de trabalho?

EH: É. Saíamos ali pra a Av. Brasil. Tinha um portão de saída que ficava eternamente aberto que dava acesso ao Pavilhão de Cursos atual, Arthur Neiva. E eu morando no subúrbio, eu caminhava...

LM: Nessa época o senhor não morava mais em Copacabana?

EH: Não, aí por enquanto não. Aí já no subúrbio, então eu caminhava até atrás do hospital do IAPTEC...

LM: Sim!

EH: Esse hospital, que tinha um ponto de lotação que me levava até a Penha.

LM: O senhor morava na Penha.

EH: É, morava.

LM: Gente, e chegava em casa na boa, né? Sem problema.

EH: Na boa, tranquilo, sem nada.

LM: É outro tempo.

PJ: Depois houve uma migração, à medida que foi melhorando, e a gente começou a ir pra zona sul, mas eu morava na Vila da Penha. (Risos)

LM: É. É.

PJ: Morava na Vila da Penha que era onde a gente podia morar.

LM: É.

EH: Dessa maneira.

LM: E era relativamente próximo daqui, né? Mais ou menos. Não, não era muito.

EH: Aí eu tive... em 1964, eu tinha já tudo... já estava tudo providenciado, inclusive foi com a colaboração muito grande do Dr. Gobert de Araújo Costa em que eu tinha uma bolsa da [Fundação] Von Humboldt.

LM: Sim.

EH: E essa bolsa eu faria então a ida ao Instituto de Hamburgo, de doenças tropicais de Hamburgo, depois em (**nome**) que havia o centro de referência de enterobactérias; depois em Copenhagen com o prof. Kaufmann que é o centro maior de enterobactérias.

LM: Kaufmann?

EH: É, Kaufman, Fritz Kaufmann, e depois passaria um tempo no instituto Pasteur com o prof. [Leon] Le Minor, também nas enterobactérias, e finalmente até [Collider], com Dra. Anderson, da (nome) tipagem de *Salmonella typhi*, que é o agente etiológico da febre tifoide.

LM: Certo.

EH: Aí eu recebi a notícia que eu fui matriculado *ex officio* em 1964, na abertura do curso de aplicação do Instituto Oswaldo Cruz.

PJ: É. O [Francisco de Paula da Rocha] Lagoa fazia isso, ele botava *ex officio* e você e dizia: sou aluno. Até hoje eu não entendi, e tenho pena dele não ter feito isso que eu perdi a oportunidade do curso (risos), ele escolhia as pessoas e tem que fazer o curso.

[00:15]

EH: Mas era assim. Aí eu falei pra ele: “Dr. Lagoa, eu tenho essa hora de bolsa etc.,” “Não interessa! Pense bem o que você vai fazer.”

LM: Ó!

EH: E aí eu fui, recorri também ao Dr. Gobert e o Dr. Gobert: “Realmente essa situação é crítica...” não sei mais o que, isso e aquilo etc. E ele ficou em cima, diríamos. Não me deu uma definição como é que eu deveria reagir. Porque a vontade de reagir era de não aceitar. Aí finalmente eu tive que aceitar. Não me arrependi não porque foram dois anos o curso de aplicação, todas as tardes tínhamos aulas, e com as figuras mais interessantes dentro do Instituto que nós não tínhamos [contato]... só víamos assim vagamente na hora do almoço. Tínhamos contato com muita gente nesse caso, gente que tinha bom nível e gente que não tinha bom... nível, inclusive do ponto de vista ético também, essas coisas. Mas realmente, no final, foi proveitoso. E aí veio a revanche que eu tive. Você disse que tinha o almoço ali que ele chamava, e como eu tinha ficado dentre os primeiros colocados ele chamou, o Lagoa me chamou pra sentar, o *staff* ali do almoço.

LM: Do lado dele.

EH: Eu: Tá bom.”. “Tenho aqui uma coisa que você não pode recusar.”. “Pois não”. “Tenho aqui uma bolsa pra você ir pro CDC em Atlanta, nos Estados Unidos.”. Aí eu falei... eu já estava noivo eu falei: “Muito bem, eu só vou se eu levar minha noiva porque nós vamos casar. Eu vou levar minha noiva”. “Ah, não pode!”. Então aí no almoço mesmo ele interrompeu a bolsa, eu falei: “Então eu não vou.”.

LM: O senhor falou assim?

EH: “Então, eu não vou. Acabou”. E aí depois mais tarde eu vim saber que aquilo ali (**rindo**) não era muito verdadeiro. Essa bolsa não era assim tão verdadeira.

LM: Tão palpável, tão real assim. Mas aquela bolsa da Fundação Von Humboldt o senhor perdeu?

EH: Aquilo acabou, aquilo acabou.

LM: Então, não teve nenhuma das duas?

EH: Nenhuma das duas. Aí a outra eu recusei, acabei me casando etc., e tal.

PJ: Você tem filho, Ernesto?

EH: Tenho.

PJ: Quantos?

EH: Eu tenho duas filhas.

PJ: Duas filhas.

EH: Eu tenho duas filhas.

LM: Quantos netos?

EH: Três netos. As duas filhas, uma, a mais velha é formada em medicina, é professora associada de doenças infecciosas da Universidade Federal do Rio de Janeiro...

LM: Que bom!

EH: Da Faculdade de Medicina. E a segunda é farmacêutica e é da UERJ, faz a parte de farmácia da UERJ e é a primeira farmacêutica, e é a primeira farmacêutica da Polícia Militar, hoje é tenente coronel, é a maior autoridade militar que teve na minha família.
(Risos)

PJ: Nós estamos seguindo mais ou menos?

LM: Estamos seguindo mais ou menos. Descreva o ambiente físico do seu local de trabalho.

PJ: Eu acho que ele já descreveu o ambiente físico...

LM: Já descreveu, né?

PJ: Algumas coisas...

EH: Não, eu me aposentei.

LM: Não, naquela época.

P: No passado.

EH: É, no passado era difícil, realmente era difícil, muito difícil.

LM: Difícil porque a instituição estava num período muito decadente...

EH: Muito, muito decadente, muito decadente.

LM: Porque não investimento governamental, por conta de tudo isso, porque não tinha pessoal também, né?

EH: E pra nós, os mais novos, apreensão.

LM: Imagino.

EH: Provavelmente você tenha sentido também. Nós ficávamos muito apreensivos com tudo isso que estava ocorrendo aqui dentro, nesse período do Rocha Lagoa, ainda mais depois que saiu a relação das pessoas [cassadas]...

LM: Isso.

EH: Daí foi um choque, né? Um choque muito grande.

LM: Isso.

PJ: Não sei se eu vou adiantar, mas você acha que uma das coisas... que foi pessoal a cassação do Lagoa pelas brigas anteriores, ou foi ganhando por uma política? Essa pergunta...

LM: É, se foi uma questão mais pessoalizada do que uma questão de atuação política dessas pessoas que foram cassadas? O que o senhor acha?

EH: Eu acho que...

LM: Ou que foi as duas coisas juntas?

EH: Não, o que eu percebi...

LM: Isso, qual foi a sua percepção.

EH: ... com os contatos com as pessoas mais antigas aqui dentro que era perseguição.

LM: É.

PJ: No sentido pessoal?

EH: Era, eram desavenças pessoais, desavenças pessoais.

LM: É quase aquele ditado: A ocasião faz o ladrão, já que está assim então vou aproveitar e...

EH: Aproveitou só no final praticamente.

PJ: A pergunta é delicada então eu vou me posicionar. Naquela época nós éramos alienados, você vinha pra Manguinhas você ficava 8 horas, 10 horas etc., provavelmente abria-se o jornal e... Você se sentia assim, olhando pra trás que você não participava da vida...

LM: Institucional.

PJ: ...política e institucional.

EH: Política sim, eu não participei. Eu digo com toda franqueza, não tive participação.

PJ: É, como todos nós, a nossa geração...

EH: Eu participei...durante a vida universitária eu participei bem, inclusive eu participei junto à UNE...

LM: Sim.

EH: Naquela época. Inclusive dentro de uma faixa mais da esquerda.

LM: Sim.

EH: Que pra mim foi... naquela ocasião já foi uma decepção, realmente foi uma decepção naquele período porque nós recebíamos, dentro da UNE nós recebíamos instruções de como nós deveríamos agir contra os policiais, contra não sei o que, fazendo as badernas, aí...

LM: É, porque essas forças eram identificadas como o aparelho repressivo do estado, então...

EH: Eu me senti... eu me senti... realmente eu me senti diminuído: “Pô, afinal de contas um estudante universitário, sair com um pedaço de pau e vai querer agredir um semelhante assim, a troco de quê? Realmente.”

LM: Acho que a guerra política pode ser num outro nível, né?

EH: Isso daí me afastou bastante, me afastou. E aqui dentro também nós... porque na verdade nós tínhamos pouco contato. As pessoas que realmente tinham, digamos, orientações políticas... E que possivelmente se reuniam eram pessoas já de outro nível e que nosso acesso não era tão fácil.

LM: Essas pessoas o senhor acha que são pessoas ou mais velhas ou que tinham...

EH: Mais velhas.

LM: ... hierarquia mais superior da Fiocruz também.

EH: Hierarquia, porque havia uma coisa chamada o respeito à hierarquia aqui dentro.

LM: Entendi.

PJ: Doutor era doutor, senhor era senhor.

EH: E assim havia essa diferença. Essa diferença era bem nítida, né?

LM: Então, assim, vou usar uma expressão, espero que o senhor entenda, no seu meio, com as pessoas que tinham mais ou menos o mesmo nível que o senhor, que estavam ali na mesma situação não se falava muito de política institucional.

EH: Não.

LM: Não se comentava muito não.

EH: Não, não, não. Muito pouco, realmente muito pouco. Muito pouco. Eu vim... eu vim a ter mais contato a partir do momento que nós estávamos fazendo o curso de aplicação do instituto.

LM: Sei.

EH: Então tinha pessoa...

LM: Lá naquele início?

EH: É, lá no início 64, 65. Então nós tínhamos contato. O Arthur, não sei se você se recorda do Arthur.

PJ: Arthur.

EH: O Arthur, a Maria Lúcia...

PJ: Maria Lúcia Taylor.

EH: A Maria Lúcia Taylor. Eram pessoas já diferenciadas, já bem diferenciadas, mas tinha outros que não, outros que estavam ali muito alheios, só queriam... queriam era passar.

LM: A gente faz essa pergunta porque era um período muito crítico da história do país, né?

EH: Exatamente, exatamente.

LM: ... com a chegada da ditadura, dos militares e tudo o mais, então a gente fica sempre querendo saber se a pessoa... se se discutia política mesmo, política... porque hoje em dia a gente fala de política o tempo todo, né? Se fala muito e todo mundo fala.

EH: Então. É.

PJ: Não se fala da Copa, se fala de política.

LM: Não se fala da copa. É.

EH: Realmente.

LM: Ninguém quer usar a camisa verde e amarela (**risos**) também.

EH: Não quer, não quer. Exatamente.

LM: Então por esse motivo a nossa pergunta se isso era uma coisa, um tema que estava muito presente e tudo o mais.

EH: Talvez eu tivesse muito mais atividade desse conhecimento externamente.

LM: OK.

EH: Externamente eu tive. E teve uma particularidade interessante. (**Rindo**). Eu tinha feito um contato com um colega peruano que estava fazendo o curso de microbiologia no Instituto...

PJ: Era o Ibañez?

EH: Hein?

LM: Ibañez?

EH: Não, não. Não. O nome dele, o nome dele... ele era da Universidad [Nacional Mayor] de San Marcos, se não me engano, eu não me recordo bem. Nós tínhamos um contato assim pela atividade laboratorial e o nome dele era Jose Maria Ducan Guevara...

LM: Guevara...

EH: Muito bem. E o cidadão escrevia as cartas pra mim, (**rindo**) umas coisas assim pra cá. Tanto que depois eu pedi: “Não, escreva pra minha casa.”

LM: Escreva pra minha casa.

EH: Então ele botava, JMD e botava um Guevara desse tamanho! (**Risos**) Quando eu passava aqui eu notava que havia alguma coisa mexida. E fiz algumas publicações em revistas europeias e recebia as separatas, pedido de separatas... antigamente nós tínhamos...

LM: É, tinha separatas.

EH: Pedido de separatas de algumas coisas como da Alemanha comunista [Alemanha Oriental], da Rússia ou da...

LM: União Soviética.

EH: União Soviética, da Polônia etc., isso aqui era sempre uma coisa que a turma ficava sempre de olho, que aí já tinham os coronéis.

PJ: Tomando conta.

EH: Já tinha os coronéis.

LM: E que época foi essa dos coronéis, foi...

EH: Foi até 1968, 69.

PJ: Eu tenho a impressão que quando o Arouca entrou os coronéis foram embora.

LM: É.

EH: É. E aí depois tinha uns coronéis aqui e tinha um que era um almirante.

PJ: É.

EH: Um almirante que andava lá, que é médico. Fazia a parte de radiologia, se eu não me engano, e que era assessor... que era uma pessoa de porte muito pequeno. E era muito interessante porque tínhamos um grande amigo aqui, o Clemente.

PJ: O Clemente.

EH: E o Clemente era um cidadão forte... E ele chegava, então e ficávamos na fila aguardando a entrada pro refeitório. E o Clemente fazia propositalmente dar um abraço no almirante. Quando ele chegava: "Almirante, meu grande amigo!" E pá.". E o Almirante (**risos**) se esvaía, se esvaía entre os braços do Clemente. Tanto que ele tinha um verdadeiro pavor, quando ele via o Clemente já saía...

LM: Ele já saía correndo. (Risos)

EH: Já saía correndo. Era talvez alguma coisa... não sei, pra chamar atenção que havia um outro lado que não era esse lado que ele estava, né?

LM: Entendo. Dr. Ernesto, como o senhor reagiu à cassação do seu... na época era seu o chefe?

PJ: Não.

EH: Não, ele não foi cassado.

LM: Ah, ele não foi cassado?

EH: Não, eles não foram cassados.

LM: Ah, desculpa.

EH: Não foram cassados, aqui não. Nem...

LM: Tá. Então o contato que o senhor teve com a cassação, com o massacre de Manguinhos foi com pessoas de outros laboratórios.

EH: De outros laboratórios.

LM: E como que o senhor ficou, o que o senhor pensou, o que o senhor imaginou, o senhor se lembra desse período?

EH: Foi surpreendente, né? E com muita tristeza.

LM: Certo.

EH: Realmente com muita tristeza que eu via pessoas, pessoas que não faziam absolutamente nenhum mal. Nenhum mal. Eu tive, porque tinha colegas de turma que eram estagiários da fisiologia e muitas vezes eu saía 7h e pouco da noite ali, ia pra fisiologia encontrar com os amigos pra sair, a gente tomar alguma coisa, principalmente na sexta-feira que era o dia de liberdade. Então nós saíamos ali. E às vezes tinha contato com o Dr. Haity Moussatché. Estava lá. O Fontana estava ali... tinha o Masao Goto, outras vezes aparecia também. Também tive contato com eles num dia de sábado que o Dr. Haity preparava o almoço e que às vezes eu filava o almoço dele como penetra ali, esperando o Lucas e o Ézio saírem, que eram meus nobres colegas. Nunca se fez nenhum comentário político por parte dele, nada! Nada de querer, digamos, me doutrinar.

LM: Hum-hum. Entendi.

EH: E era recebido não como... vamos dizer, era uma pessoa estranha ao ambiente, mas nunca ouvi nenhuma incompatibilidade. Tanto que depois tive vários contatos, principalmente com o Dr. Domingos [Arthur] Machado, em Copacabana, nós conversávamos bastante. Conversei várias vezes com o Sebastião [José de Oliveira], também em Copacabana, até parecia que ele estava trabalhando em uma firma de...

[00:30]

PJ: De controle de insetos.

EH: De controle de insetos. Ele falava: “Meu Deus!”. Aí vinha aquela choradeira, aquele negócio todo, mas que era normal, e sentia também. Indiretamente eu sentia pelo Dr. [Fernando Braga] Ubatuba, porque a Dra. Arlete Ubatuba, a esposa, trabalhava no andar de baixo lá...

LM: No Pavilhão?

EH: Aqui.

LM: Já era aqui.

EH: Aqui no segundo andar, ela trabalhava aqui embaixo, então tínhamos contatos, e inclusive fizemos trabalhos juntos, então ela sempre estava me fornecendo. E é interessante que todos eles, todos eles, principalmente Dr. Ubatuba, Dr. Hugo Souza Lopes, Domingos Arthur Machado e mais outros, foram convidados por um ex-colega de turma da Colômbia.... da Venezuela. Ele era vice-reitor já e fez então o convite. Ubatuba ainda foi... foi com a Dra. Arlete pra lá; Dr. Hugo Souza Lopes não, permaneceu.

PJ: O Haity [Moussatché] foi.

EH: Hein?

PJ: O Haity foi.

EH: O Haity foi, etc., só depois mais tarde o dr. Ubatuba foi pra Inglaterra, ele foi pra Inglaterra. E depois posteriormente, com o regresso dele, sempre tive muito contato com eles...

LM: Sei.

EH: Realmente muito contato.

LM: O senhor, então voltando um pouco, considera que... sob sua perspectiva houve muito de questões assim mais pessoais do que propriamente políticas com a cassação.

EH: Sentimos, sentimos, evidentemente sentimos isso, essas picuinhas eram frequentes, eram frequentes.

LM: É. E assim, porque o senhor acha que existiam picuinhas? Porque...

EH: Bom, são coisas do...

LM: Vaidades afetadas?

EH: Não, isso aí são coisas do passado que eu não pude... (rindo) eu não pude averiguar totalmente isso.

LM: Entendi.

EH: Provavelmente eram coisas muito do passado.

LM: Certo.

EH: Haviam diferenças, diferenças gritantes nesse sentido de choque.

LM: E assim, a instituição, instituição IOC? O senhor me contou que quando o senhor entrou era uma coisa muito difícil. Não se tinha equipamento, não se tinha... o salário era pouco, ia receber na boca do caixa, essas coisas, e muito trabalho. Imagina, 10, 12 horas de trabalho direto. O senhor considera que nesse momento a instituição estava num período de certo ostracismo? E que depois pode ser que isso tenha...

EH: É, esse período... esse período foi realmente muito triste.

LM: É.

EH: Muito triste em todos os sentidos.

LM: Por que o senhor acha?

EH: Porque continuou. Continuou e ainda tínhamos ainda por cima essa, esse medo.

LM: Entendi.

EH: Nós, mais jovens, tínhamos muito medo de algumas coisas que pudesse ocorrer, porque você estava à mercê. Você estava à mercê. E ainda mais quando saiu a relação dos nomes de cassados, a apreensão ainda ficou maior.

LM: Entendi.

EH: Ainda ficou maior.

PJ: Houve perseguições secundárias, fui transferido, aí ameaçava o outro, não podia publicar, como o José [Jurberg] não podia publicar com o Dr. Herman [Lent]...

EH: É lógico.

PJ: Eu fui transferido pra SECAM, depois pra Sergipe...

LM: Pois é.

PJ: Havia perseguições menores porque nós éramos mais jovens...

EH: Mas acontecia, realmente acontecia.

PJ: Então mobilizar... quer dizer, a gente não mereceu o galardão da cassação.

EH: É.

PJ: Recebemos castigos menores.

LM: É.

EH: Lógico. E a partir disso então é que... Quando em [19]71 é que foi criada a Fundação Oswaldo Cruz.

LM: Sim.

EH: Ainda com o Rocha Lagoa, né?

LM: Foi.

EH: Foi com o Rocha Lagoa.

LM: O senhor acha que houve assim uma mudança grande, que melhorou... o que o senhor considera...

EH: De início não.

LM: Sim, a melhora foi depois.

EH: De início não. De início foi de muita contenção ainda, realmente foi de muita contenção. Essa contenção foi muito, muito drástica inclusive na época do Dr. Oswaldo...

PJ: Oswaldo Cruz.

EH: Não, Oswaldo..., Oswaldo Lopes.

PJ: Oswaldo Lopes.

EH: Oswaldo Lopes que era um professor da Escola Nacional de Saúde Pública, era uma pessoa extremamente rigorosa com a parte administrativa, a parte econômica. Porque antes nós tivemos a passagem como diretor do Instituto, o Dr. Oswaldo Cruz Filho que foi um período muito curto, que depois logo em seguida ele faleceu, não é? Depois teve o... espera aí, deixa eu ver aqui quem entrou... O Dr. [Felipe] Nery Guimarães.

PJ: Nery Guimarães.

EH: O Néry Guimarães que era da protozoologia. Também esse teve um período relativamente curto que depois teve o falecimento dele logo a seguir. Eu acho que ele não permaneceu mais de um ano não.

PJ: Eu não me lembro dele não.

EH: Mas era uma pessoa excelente. Realmente excelente.

(explicações sobre um telefone que toca)

EH: Depois teve... com a saída do Dr. Oswaldo... ele saiu e aí veio o Vinícius.

LM: Da Fonseca.

EH: Fonseca, em 1975. Eu me lembro bem que foi 1975, foi o período de entrada... não era... não tinha nenhuma ligação com biologista ou como médico, não. Era um economista... era um economista que era de indicação lá do [Presidente da República e general do exército Ernesto] Geisel.

LM: Certo.

EH: Foi daquela parte, eu acho que uma coisa... Aliás, não foi do Geisel, foi do ministro...

PJ: Do Ministro de Economia.

EH: Ministro da Fazenda.

PJ: Da Fazenda?

EH: Era o ministro da fazenda que foi... ele era o segundo ou terceiro nome do staff do ministério de Estado.

LM: Certo.

EH: Do Ministério da Fazenda, ele veio aqui. Talvez tenha dado um certo impulso. Bem ou mal, ele deu um certo impulso do ponto de vista de reformas de laboratórios, de vinda de pessoas de fora, né? Aí nesse período veio o Dr. [Wladimir] Lobato Paraense. O Lobato Paraense trouxe o menino lá que foi também diretor, presidente o... meu Deus do céu! agora me fugiu... da bioquímica. Ele é da bioquímica.

PJ: O nome está aqui. Trabalha lá no prédio, o seu...

EH: (**Risos**) ele veio de Brasília.

PJ: Ele trabalha no seu prédio lá, ele...

EH: Ele veio de Brasília, é um negócio...

LM: [Carlos] Morel?

PJ: Morel.

EH: Morel.

LM: Morel, o Dr. Morel.

EH: O Morel deu um impulso também muito grande foi sentido, nessa atividade. E o diretor, como presidente ficou o Vinícius da Fonseca, e o diretor foi o Genário Nobrega...

LM: Sim.

EH: O diretor do Instituto Oswaldo Cruz. Genário era um clínico, foi diretor do hospital aqui, do Evandro Chagas. Era uma pessoa finíssima, muito boníssima, em todos os sentidos. Tentou, tentou conciliar os...

LM: Ta. Quer falar?

EH: Não, não tem problema.

LM: Ta. O senhor considera então que esse período de ostracismo, de certa... decadência pode ser um termo forte, né?

EH: É.

LM: Mas de certa pobreza, vamos dizer assim, da Fiocruz com o Dr. Morel... com esses presidentes e depois com o Dr. Morel deu uma mudança.

EH: O grande problema que nós tivemos com a vinda do Vinícius é que foi aquela história de passar pra celetista.

LM: Sim, porque antes eram todos servidores públicos.

EH: Servidores públicos. Eram todos servidores públicos, aí veio o critério de opção. Isso fez com que muita gente fosse transferida porque não aceitou então foram pra o Instituto Nacional do Câncer, para o Instituto de Biologia do ISS, pra o INSS da época, vários setores outros, né? Por exemplo, aí teve uma turma relativamente grande da bioquímica que foi pro INCQS, pro Instituto Nacional do Câncer, os Mitidieri, os Mitidieri¹... que depois eles também foram...

PJ: Luiz Paulo Ribeiro foi pra UFRJ.

EH: O Mitidieri... os dois se casaram, Otilia e o Emílio, e o casal também, o outro casal também, ele... Agora não me recordo assim o nome dele.

LM: E depois, em 1990 todo mundo voltou a ser servidor público, né?

EH: Depois. É. Naquela época final do Collor ali...

LM: No início do Collor, né?

PJ: Isso mudou de acordo com a vantagem.

EH: É, a vantagem.

PJ: Havia vantagem em ser celetista...

LM: Isso.

PJ: O salário aumentou...

EH: Aumentava.

PJ: Ele queria contratar e depois se percebeu que ficar no serviço público seria mais vantajoso.

LM: É, a longo prazo poderia ser.

¹ O depoente se refere aos pesquisadores que atuavam no Laboratório de Bioquímica, Emílio e Otilia Mittidieri.

EH: A longo prazo.

LM: A longo prazo, é.

EH: Felizmente, felizmente... (risos)

PJ: A coisa deu certo depois, (**inaudível**) uma vida razoável porque...

EH: Porque senão seríamos aposentados do INSS.

PJ: A gente... não tenho feito comentários porque... eu quero concordar com algumas coisas, “Pô, é isso, e tal...” mas aí influencia, então a sua história bate com as coisas que eu penso, mas... agora tem uma coisa que eu não sei se está no momento, você durante a sua vida você fez coisas, uma série de coisas, publicou trabalho, mas teve contribuições suas que você achou que era importante e que a instituição com o passar dos anos deixou de aproveitar. Quer dizer, você volta a Manguinhos, tem esse gabinete etc., “Puxa, poderiam ter aproveitado isso mais, poderiam ter feito?”

EH: Não, realmente a área física não é problemática (**Risos**) Eu deixei pra todos aqui.

PJ: Mas o trabalho?

EH: Acho que o mérito, talvez o mérito que eu teria tido foi de encontrar um terreno, um terreno muito árido no início pelo número de pesquisadores. Éramos poucos, realmente éramos poucos aqui dentro da sessão de bacteriologia na época.

LM: O senhor sempre trabalhou com bacteriologia?

EH: Sempre, sempre, sempre.

LM: Sempre.

EH: ...com bacteriologia. Então éramos muito poucos aqui dentro, tínhamos o (nome), tínhamos o Altair Zebral que depois saiu, exatamente em [19]75 ele fez opção pela [Universidade Federal] Fluminense, ele saiu; tínhamos a Maria Luiza Palmeiras que iniciou a parte de genética aqui dentro, teve também o [Leon] Rabinovitch depois e teve a Dra. Níber, mas a Níber em 1972 ela se aposentou, então ficava um *staff* muito pequeno digamos de pessoas. Aí a minha política foi a seguinte: de formar as pessoas, de formar. Então começamos a formar. Grande parte dos que hoje circulam nesse departamento ou nesses laboratórios aqui de bacteriologia, foram formados nesse período... Na década de 70, na década de 80 e até a década de 90.

LM: Era um período que tinha muita bolsa, muito curso.

EH: Então, os cursos... Começaram a surgir os cursos dentro da universidade, né? Dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro, os cursos do Instituto ou da Fundação Oswaldo Cruz, depois o Curso de Aplicação passou a se denominar de [Curso de] Biologia Parasitária, né? Passou por um período lá na Escola Nacional de Saúde Pública,

depois voltou pra cá, pro campus de Manguinhos aqui, lá no Pavilhão de Cursos. Então foi uma coisa muito importante, esses cursos, porque aí vinha a formação de pessoal.

LM: Hum-hum. Certo.

EH: Então foi feito aí. Em torno de 20, 25 pessoas que passaram por essa fase.

LM: É, isso dá assim um... oxigena a instituição...

EH: Oxigena, é lógico! Oxigena.

LM: E tem uma entrada e saída de pessoas e tudo...

EH: Muito, muito.

LM: E isso realmente dá uma sobrevida.

EH: É. Há um sentimento muito aí... eu, por exemplo, fico muito sentido porque é um problema social. Eu caminho com a pessoa fazendo mestrado aqui, depois o doutorado acolá em outra parte, e tem essa ligação conosco, mas não posso aproveitá-la aqui dentro.

LM: É. Tem que fazer um concurso e nem sempre...

EH: Fazer um concurso e ver o concurso...

LM: Nem sempre tem vaga.

PJ: E aquele que você cuidou e às vezes entra um sujeito super capaz, mas ele eticamente não...

[00:45]

EH: Não, e às vezes se desvirtua, quer fazer outra no final... realmente é difícil. Na época com o tempo de bolsistas a gente acompanhava as pessoas, acompanhava.

PJ: Havia uma seleção natural.

LM: É.

EH: Natural, uma seleção natural.

PJ: Em cima o tempo todo, vendo as notas na faculdade, como você se comportava e tal...

EH: Tudo isso aí.

LM: É. Esse quadro realmente...

PJ: Posso fazer uma observação?

LM: Pode.

PJ: Eu trabalhei com o Herman [Lent] e Dr. Hugo [Souza Lopes], eu não sabia o time de futebol deles. Eles eram carinhosos, rigorosos, eu tomei muita bronca que eu entrei com 18 anos, né? Tomei muita bronca. Eles nunca fizeram apologia, proselitismo político, eu não sabia. E se era alguém que eles tinham que fazer era o cara que estava no laboratório.

EH: Exatamente.

PJ: Eles nunca falaram de política.

EH: Nada. Nada, nada, nada. Isso tanto do lado digamos da esquerda como da direita.

LM: Como da direita. Nada.

EH: Ou do centro, ou do centro. Eu, por exemplo, tive contato com o Dr. Genésio Pacheco. O Dr. Genésio ele era uma figura extraordinária aqui dentro, mas ele nunca... ele nunca, ele nunca falava alguma coisa do ponto de vista político. Dr. Gobert de Araújo Costa da mesma forma, nada, nada, nada. Quem falava alguma coisa era o Milton, Milton Thiago de Mello durante a época da revolução porque era coronel. Era coronel. Era um coronel veterinário e que era professor da escola militar, do colégio militar. Ele era uma figura extraordinária do ponto de vista de laboratório etc., ele falava alguma coisa, mas também com revolta.

LM: Certo.

EH: Muita revolta.

PJ: Ele falava a favor da revolução ou contra a revolução?

EH: Não, esse ponto ele não tocava.

PJ: Ele não tocava.

EH: Ele não tocava.

PJ: Ele tocava o que ele achava o que era errado.

EH: Exatamente. Exatamente.

LM: Dr. Ernesto como é que o senhor vê a instituição hoje, Fiocruz hoje? Como é que o senhor vê a política institucional dela, como é que o senhor vê o próprio IOC? O senhor acha que tem uma renovação de pessoas, de ideias?

EH: Tem, tem. Realmente renovação isso a gente não pode negar. Digamos, há um sangue novo, sangue novo inclusive vindo de outras áreas, de outras instituições, isso aí realmente foi muito interessante, porque isso fez com que se expandisse mais, se expandisse mais quanto a parte de pesquisa, realmente essa parte. Não tenha dúvida.

LM: Certo.

EH: Agora, politicamente eu não sei. Também a mesma coisa...

PJ: (Rindo) Porque ninguém sabe, ninguém sabe.

EH: Não, é que inclusive do ponto de vista político a gente só sente em dias de eleições que aparece fulano, cicrano, beltrano de um lado, outro do lado, olhando de cara feia pra um e pra outro etc...

LM: Mas os caminhos que a instituição tem trilhado o senhor não tem uma...

EH: Não, eu acredito que sim, que esteja no caminho certo.

LM: Que esteja no bom caminho.

EH: No bom caminho, no bom caminho e que deve ser aproveitada essa fase, aproveitada com esse sangue novo aqui.

LM: Então o senhor considera que a gente está numa boa fase institucional?

EH: Boa fase. Boa fase dentro do ponto de vista laboratorial.

LM: OK.

EH: Do ponto de vista de pesquisa...

LM: É isso mesmo que eu estou perguntando.

EH: Isso aí é o que eu posso, politicamente eu não vou. Inclusive eu como mais velho aqui nunca fiz, nunca influenciei quem quer que fosse...

LM: OK.

EH: Inclusive pra votar fulano, cicrano, beltrano...

LM: Sim, claro!

EH: Nada, nada. Isso fica a critério de cada um. Não, nada, nada. Isso é...

LM: Está bom. Bom, aqui já falei o que pensa do futuro institucional, como acha que caminha a Fiocruz, o momento político e econômico do país, modelo de gestão, já falou já.

PJ: Você tem alguma coisa, algum trabalho, alguma coisa que teve impacto que você acha que a instituição não aproveitou? Você falou muito na formação que isso é extremamente importante...

EH: Na formação. Exato.

PJ: Isso já preenche a vida de qualquer pessoa.

EH: É lógico, é.

PJ: ...como coisa impactante, mas assim, alguma descoberta, descoberta entre aspas, alguma contribuição que a instituição acabou passando por cima, ignorando e não aproveitando...

EH: Isso é muito difícil, né? Parte do princípio que hoje em dia ninguém mais se preocupa em ler os trabalhos, né? Aqui porque nós tínhamos outrora... eu ia toda semana à biblioteca ainda lá no Castelo.

LM: No Castelo, é.

PJ: Sentava e pegava todas as revistas e fichava à mão.

EH: Todas as revistas que chegavam e... Fichadas etc., isso nós fazíamos lá. E tínhamos então conhecimento...

LM: O dia era maior, a gente tinha mais tempo, o que acontecia? Porque hoje (**rindo**) parece que você não... acho que a gente não tem mais tempo...

EH: Não, eu acho...

PJ: Tinha menos conta para pagar.

LM: É.

EH: (inaudível) mais as coisas e tudo... e fazíamos o seguinte... eu, pelo menos, fazia o seguinte: sexta-feira de 9h até às 11h, estou na biblioteca, não venham me perturbar.

LM: Isso.

EH: Né? Não venham me perturbar.

LM: O senhor já fez essa rotina pro senhor...

EH: Já fiz essa rotina.

LM: Pra continuar a ter contato com o que se produz e tudo o mais.

EH: Exatamente.

PJ: E isso era um hábito que a gente herdou dos... a gente encontrava com o Dr. [Haity] Moussatché, Dr. Herman (Lent), Dr. Hugo [Souza Lopes] num período na biblioteca. Não tinha internet, não tinha... xerox foi chegando aos poucos.

EH: É lógico que tinha alguns que aproveitavam o descanso pós-prandial, né? E depois do almoço....

LM: Descanso pós?

EH: Pós-prandial. Aí depois do almoço iam à biblioteca. E a biblioteca era muito interessante ainda lá no Castelo porque eram mesas e as mesas eram divididas por um tapume...

LM: Sim, sim, sim.

EH: Então sempre tinha um ou dois ficava lá no fundinho e, às vezes, roncavam.

LM: (Risos) essa é a pior parte. Aí todo mundo descobriu.

EH: (Risos) aí nós éramos moleques também, fazíamos algumas coisas nesse sentido, pegávamos os volumes e quando o Vitório vinha entregar... o sr. Vitório. Vitório: “Está aqui doutor, e tal...” eu estava fazendo a tese de livre docência já eu pegava a coisa e batia assim na mesa. Aí eu via aquelas cabeças... (**Risos de todos**)

LM: É isso. O senhor está... então já tem 56 anos...

EH: Eu me aposentei em 1995 daqui. Foi aquela situação que estava perigosa a aposentadoria, então vamos nos aposentar.

LM: Já tinha tempo.

EH: Já, já tinha tempo porque eu nunca tirei licença prêmio, nada, nada. Ainda teve o período do serviço militar que ainda foi acrescido.

LM: Sim.

EH: Que na época... e como bolsista do CNPq, então...

LM: Nossa! Então tinha tempo de sobra.

EH: E aí deu o tempo. Aí me aposentei e eu já tinha atividade de longa data aqui na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LM: Certo. Ah, o senhor dá aula na UFRJ?

EH: Já dei aula lá. Na Pós-Graduação das Doenças Infecciosas e na parte de Higiene e Saúde Pública.

LM: Na Biologia mesmo?

EH: Não, na Faculdade de Farmácia.

LM: Ah, de farmácia.

EH: Na faculdade de farmácia. Isso eu fiz.

LM: Foi professor da sua filha não? (**risos**)

EH: Não, infelizmente não. Nem uma nem outra, nem uma nem outra.

LM: E hoje como é que estão as suas atividades?

EH: Hoje eu tenho uma bolsa do CNPq, bolsa de produtividade.

LM: Ah sim!

EH: Mantenho essa bolsa de produtividade.

LM: Então, tem que produzir, né?

EH: Isso faz... agora, eu lhe digo em relação à pergunta que você me fez Pedro, se teve alguma coisa de impacto. Algumas coisas tiveram impacto externo.

PJ: Sim.

EH: Internamente é aquela coisa que santo...

LM: Santo de casa não faz milagre.

EH: ...não faz milagre. Realmente santo de casa não faz milagre.

PJ: Você pode citar alguma pra gente?

EH: Sim. A pesquisa de salmonelas em águas residuais, águas de esgoto porque havia um conceito da engenharia sanitária que todo tratamento executado numa estação de tratamento, a saída, o efluente que é lançado, aqui geralmente é lançado na Baía de Guanabara, antes tinha no Outeiro da Glória etc., ele está isento de germes patogênicos, né? Isso foi no idô de 65, 64 quando nós apresentamos que, ao contrário, nós tínhamos muito mais salmonelas, que é um agente entérico que produz diarreia no homem e nos animais, eliminada através do efluente da estação de tratamento de esgoto, que eles não acreditavam nisso ainda.

Isso foi... por exemplo, isso abriu as portas inclusive para o CETESB de São Paulo, que eles enveredaram também com isso demonstrando claramente que, de fato, ocorria e aceitaram que elas eram mais resistentes essas salmonelas. E com possibilidade por essa passagem pela estação de tratamento de esgoto, ou pela vinda de áreas hospitalares, trazer fatores de resistência aos antimicrobianos. Isso foi feito.

LM: Certo.

EH: Inclusive esse material também foi aproveitado aqui, pelo pessoal da Biofísica, nós fizemos trabalho junto.

LM: O Instituto de Biofísica da UFRJ?

EH: Da UFRJ, ainda com Darcy de Almeida [Fontoura]...

LM: Ah, o Dr. Darcy Fontoura!

EH: É.

LM: Ah, eu conheci Dr. Darcy! Nossa, que pessoa iluminada!

EH: Conheceu. Darcy era uma pessoa excelente. Nós fizemos um trabalho sobre isso também, nessa parte. Foi muito interessante. Também teve o outro aspecto de mostrar que um outro agente de doenças... de doença humana, a listeriose, que foi galgando, que no início ninguém estava dando a menor importância. Ela adquiriu uma importância muito grande como zoonose da transmissão do animal para o homem, direta ou indiretamente, como também através dos alimentos. Isso também teve um impacto fora, não impacto aqui. Não, aconteceu umas coisas nesse sentido.

LM: Hum-hum. O senhor considera que teve uma boa trajetória aqui na Fiocruz?

EH: Considero, considero, considero.

LM: Que bom, né?

EH: Considero mesmo. Eu...

LM: Conheceu muita gente...

EH: Conheci muita gente.

LM: Formou muita gente, passou por fases...

EH: Exato.

LM: ... grande e interessante da instituição por períodos diferenciados.

EH: E tive ocasião inclusive de participar ativamente do problema do controle da cólera...naquele período de 90 e...

LM: Década de 90 e poucos, né?

EH: De 90. De 90, fiquei participando desde aquela fase até depois que eu saí, deixei essa parte. Tanto que foi criado o centro de referência de enterobactérias e de cólera aqui.

LM: Aqui no IOC.

EH: É um centro de referência, tem um centro de referência. Como também teve a participação junto com o Jarbas, prof. Jarbas de Andrade que veio da Escola Nacional de Saúde Pública, que veio pra cá com a parte de leptospira. Nós procuramos trabalhar bastante junto ao Ministério para que fosse considerado como um centro, que é hoje um centro de referência nacional e internacional, essa parte.

LM: Que bom!

EH: Então isso a gente realmente se sente bem. E propagando por todo esse país, né? Por todo esse país.

LM: O senhor viajou muito a trabalho?

EH: Viajei.

LM: Pelo interior do país?

EH: Muito pelo interior.

LM: Fez muito trabalho de campo?

EH: Muito, muito, muito trabalho de campo. Essa época era época de deixar a malinha atrás da porta e com perigo...

LM: Porque vivia viajando?

EH: E com perigo de desquite, né? (**Risos de todos**) realmente era...

LM: Viajava muito.

EH: Viajava muito.

PJ: Resistiu? Resistiu o casamento?

EH: Resistiu! Felizmente, resistiu. Não, porque ela tem formação também. Nós nos conhecemos aqui dentro. Ela foi minha estagiária.

LM: Ah, a sua esposa?!

EH: Foi. Ela foi minha estagiária e depois ela trabalhou muito tempo com o Dr. Genésio na parte de brucelose.

PJ: Então tinha uma compreensão.

EH: É, aí ela compreendia.

LM: É, ela sabia como que era.

PJ: Uma tolerância.

EH: Foi o que eu disse aí. Foi muito bom! Realmente eu não tenho nada pra me queixar não.

PJ: Você terminou? Porque eu queria fazer dois comentários.

LM: Pode fazer.

PJ: O primeiro comentário é o seguinte, eu só lamento que é a primeira vez que nós nos encontramos para conversar... E eu vejo tantos pontos em comum.

EH: Claro.

PJ: Desde esse sofrimento, de ter se concentrado no trabalho e não havia política, nem pensar em política e tal, então eu vejo tantos pontos em comum, então, eu lamento. E outra coisa eu queria saber: o seu segredo. Como é que você chegou com essa memória e com essa aparência?

EH: Não sei, não me formolizei não. **(Risos)**

PJ: Você está muito bem, Ernesto, com uma memória.

[01:00:00]

EH: Em 2016, eu acho que isso aí foi o resultado de ficar aqui junto da refinaria e também como fumante, ex-fumante, eu acabei tendo um carcinoma pulmonar... Então me afastei e permaneci com autorização com a bolsa do CNPq. Eu só senti um pouco é que nessa hora não tive muito apoio da direção do IOC.

LM: Não teve?

EH: Não! Muito apoio nessas coisas não.

LM: Não teve.

EH: Foi uma coisa muito fria, então eu... mas deixa isso pra lá, isso passou...

PJ: É, a gente tem os momentos de tristeza.

EH: É, realmente a gente fica...

LM: Eu imagino porque o senhor trabalhou a sua vida toda aqui. Tem um trabalho de relevância.

PJ: Mas isso é uma tradição institucional de não olhar pras pessoas, a gente está numa máquina que o poder dos mais jovens querem tirar... Não tem o mínimo de pena.

EH: Que pena! Inclusive me lembro muito bem quando eu tinha a sala ampla que passava sempre um cidadão aqui em frente. Esse cidadão ele foi meu orientando de mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais, que eu tinha atividade junto ao ICB [Instituto de Ciências Biológicas], de Minas Gerais e depois fez o doutorado no ICB [Instituto de Ciências Biomédicas], da Universidade de São de Paulo, que eu tinha atividade também de professor da Universidade de São Paulo lá, de uma disciplina. Aí quando eu era aposentado estava aqui, ele passava aqui: “Vai pra casa, Padilha!”

LM: Nossa! Que horror!

EH: Era aquele... era do Jô Soares...

LM: Era uma piada.

EH: Era o Jô Soares que falava assim.

LM: Nossa, que grosseria!

EH: **(risos)** Aí eu falava: “Isso aí é a recompensa que você tem”.

PJ: Ô Ernesto, infelizmente você não está sendo original nessa história. Todos nós passamos por isso... de uma pessoa que a gente formou, tratou com carinho...

LM: Não vê o Dr. José [Jurberg]?

PJ: O José está passando por isso, eu passei por isso. A gente não é original nessa história. Acho que deve ter alguma coisa pelo poder. Eu, há tempos atrás, disse: Olha, isso é uma teoria do bang-bang. O cara é pistoleiro, é o que... e tal e de repente você diz: “Ah, eu vou me aposentar, não quero mais isso”, tal... aquele que você ensinou ele surge e diz: “Não, eu tenho que te matar pra dizer que eu sou pistoleiro.” “Mas eu não quero mais, eu quero ficar aqui num cantinho. Eu quero só o meu cantinho, fazer o meu trabalho...”, mas isso tem sido...

EH: Uma faceta que essa realmente eu senti profundamente. Foi na época do Vinícius. O Vinícius, ele fez um conselho de orientação do IOC. Esse conselho de orientação na época aquele pessoal que não queria sair, não queria sair que não queria aceitar também passar pra celetista, né? Então veio a lista desse pessoal para que esse conselho de orientação fizesse um julgamento. Esse foi o troço mais pavoroso que eu tive aqui dentro assim.

LM: Que coisa cruel.

EH: Porque aí nós tínhamos...

PJ: Era época do Coura?

EH: Hein? Não.

PJ: Era anterior.

EH: Não, foi antes, foi antes. Aí veio. Na época quem estava é o Dr. Genário. Genário sofria muito também com essa história, mas ele não participava do conselho de orientação, ele era apenas o diretor e ele assistia. Então, nesse conselho tinha o Leuzinger, o Valo, da bioquímica, o Hermann Schatzmayr, porque era da parte de virologia, o Gilberto Freitas que era da parasitologia, não sei se você chegou a conhecer.

PJ: Conheci.

EH: O Gilberto Freitas, o Gilberto Teixeira que era da Patologia, eu estava como responsável da microbiologia, e o Nízio Santos Lima que era...

PJ: Um médico.

EH: Médico e era aqui do Hospital Evandro Chagas, que era praticamente substituto do Dr. Genário. Então, nós tínhamos a incumbência de receber e dar o veredito em torno dessas pessoas, se ela permanecia ou não permanecia aqui. Você levantou a questão do José, o José estava nessa lista, nessa lista, e graças... porque aí nós ficamos juntos com o Nízio, eu e alguma coisa do Gilberto de Freitas e o Valo, o Leuzinger nós fazíamos corrente contrário a uma outra parte ali. E, graças a isso o José [Jurberg] permaneceu, a Pedrina [Cunha de Oliveira] permaneceu, que a gente era...

PJ: Provavelmente eu também, né?

EH: Hein? Vários, vários que permaneceram aqui. Alguns outros é que não podiam mesmo, não tinha chance da gente salvar. E aí veio outras fichas...

LM: Que loucura isso, gente! Que tribunal.

EH: Aí o Furtado, você lembra do Adolfo Furtado da micologia... Que aí foi para a Escola Nacional de Saúde Pública, aí já não era questão de política, mas aí era questão de horário porque ele era médico também do aeroporto.

PJ: Então esse negócio que você está contando, isso eu não me lembrava não.

EH: Isso foi em 75, de 75 a 76 que aí começou a reorganização por parte do Vinícius e ele aí criou os projetos prioritários. Projetos prioritários... Aí elencaram vários projetos prioritários e um dos projetos prioritários foi o projeto prioritário de doenças entéricas que ficou sob nossa responsabilidade e aí eu procurei, vamos dizer, englobar o maior número possível.

PJ: Você fazia parte dessa comissão, não?

EH: Fazia parte dessa comissão, fazia parte dessa comissão. Depois muito mais tarde falei pro Zé [José Jurberg], que o Zé não sabia disso, realmente ele não sabia disso.

PJ: Realmente eu não lembrava disso, provavelmente eu passei por...

EH: Teve, teve. O que eu pude fazer não era com o pesquisador, como também com o pessoal técnico de laboratório que eram perseguidos e eram colocados aqui dentro. Teve época que eu coloquei tanta gente da direita, como da esquerda que foram perseguidos ou que se achavam perseguidos.

LM: Dr. Ernesto, o senhor falou uma coisa agora que eu fiquei aqui pensando... o senhor falou que foram eleitos projetos prioritários, ou seja, direções, ações, temas... como se fosse uma indução de pesquisa.

PJ: Sim.

LM: Precisamos centrar fogo nessa, nessa, nessa... O senhor acha que hoje existe isso na Fiocruz?

EH: Não, não.

LM: Não existe.

EH: Não. Acabou, aquilo caiu por terra, porque era mão única...

LM: Mas não seria interessante hoje a gente ter uma... não vou dizer indução...

PJ: Algumas linhas.

EH: Algumas linhas.

LM: Algumas linhas prioritárias, porque a minha impressão é que talvez não tenha, eu não sei.

PJ: Mas na época era imposto.

LM: Entendi. A questão é a forma.

PJ: Eu me lembro que o Vinícius a gente ficava... o Vinícius estava fazendo várias transformações, mas a gente se opunha por causa da maneira que ele fazia as transformações; eu não tinha consciência disso, era muito jovem, né? E aí disse assim: Olha, vamos continuar trabalhando pesquisa pura em bichos aplicados. (**Risos**) quer dizer, é o mesmo tipo de pesquisa que você fazia em coisas que não eram aplicadas, a gente faz em bichos aplicados, a frase que surgiu. Mas a gente não tinha consciência do que o Vinícius queria fazer... Quer dizer, tinha consciência sim, mas a gente tinha o ranço dele estar, “ele está impondo isso pra gente, pesquisa não tem dirigismo.” Quem sabe...

LM: Não é questão de ser dirigível.

EH: Não, ao final ele se tornou muito mais maleável, muito mais maleável.

PJ: Eu vou contar uma história que você não conhece, que o José contou. O Vinícius saiu daqui, eu li outro dia o relatório do Vinícius e ele se apaixonou pela Fundação. Um dia ele liga pro José e diz assim: “Você que tem influência...” O José disse: “Pô, eu não tenho influência nenhuma, nenhuma, eu não sou chefe nada...” “Eu gostaria de voltar pra o instituto, pra Fundação pra trabalhar lá porque aquilo me tocou.” Ele disse: “Pegou a pessoa errada, com quem que eu vou falar, sobre o que, como é que...” quer dizer, ele se apaixonou...

EH: É lógico.

PJ: ...pela instituição ...

EH: Tanto que ele se fantasiava como... porque antigamente andávamos de avental, avental branco. Então, ele aí só andava de avental branco, e era doutor em doença de

Chagas. Muitas vezes ele falava nessas reuniões, eram reuniões demoradas aqui, inclusive aqui no Pavilhão Rockefeller, começava de manhã, acabava tarde, tarde quase início da noite. E era na base de café e água, café e água, aí um dia eu reclamei, falei: “Dr. Vinícius, não é possível, tem que arranjar alguma coisa para gente comer”.

LM: É claro.

EH: Porque ninguém falava, no início estava todo mundo com medo, aí eu comecei a falar muito, falava bastante nessas coisas, nessas reuniões, aí já tinha... isso eu me lembro muito bem que o Cláudio: “Você é o único que fala, não sei o que, retruca o Vinícius. Você é corajoso, não sei o que...” Eu falei: “Não, é verdade, não pode deixar.”

PJ: E ele aceitava. Ele queria as pessoas...

EH: Exato.

PJ: Mas aí tinha o Vinícius, que o Vinícius era autoritário...

EH: Não, ele foi autoritário. O Vinícius foi muito.

PJ: Era autoritário, mas ele era inteligente, ele percebeu que ele tinha que ouvir e foi mudando, ele foi vestindo a camisa da instituição.

LM: Entendi.

EH: Agora um parentesesinho assim. (Rindo) Ele instituiu o melhor almoço de todos os anos, de todas as gestões do Instituto, era na Escola, tinha um restaurante primoroso. Acabou, acabou porque o pessoal chegou um momento começou a reclamar: Está faltando isso. Ele: “Ah, vocês não estão acostumados, eu tiro isso”. E acabou.

LM: E tirou mesmo.

EH: Tirou. Aí veio (sic) os outros restaurantes. Ah, mas foi ótimo! Teve uma época...

LM: Tem mais alguma coisa que o senhor queira falar, algum caso que o senhor queira...

EH: Tenho. Tem uma época que... foi exatamente na época do Dr. Vinícius que foi a vinda do pessoal da hanseníase pra...

LM: Ah, o Instituto de Leprologia que acabou e veio pra cá.

EH: É. Naquela época era hanseníase chamava...

LM: 70 e qualquer coisa...

EH: Toda a parte de pesquisa...

PJ: Dr. Lygia, Lygia Madeira.

LM: Lygia Madeira [César de Andrade].

EH: Lygia Madeira. Ela veio pra cá, ficou funcionando aqui no pavilhão que hoje está ocupado pela lepra também, pela hanseníase, né? Tudo bem.

LM: Aquele laboratório ali embaixo, né?

EH: Ali embaixo.

LM: É.

EH: Aqui era a parte clínica.

LM: É. Era o ambulatório do Souza Araújo, era uma casinha pequeninha, né?

EH: Dra. Eugênia, né? A Eugênia fazia...

LM: Maria Eugênia [Noviski Gallo].

EH: Maria Eugênia que ela fazia a coisa... Mas isso veio aí eu me lembro que me deram a responsabilidade de ficar... ela pertencia ao departamento de micobiologia por uma época... eu fui vê-la, era chefe, chefe da Dra. Lygia. Aí eu falei: Não. E havia problemas ali dentro com estagiários, com bolsistas etc., aí ela sempre me chamava pra ir lá pra tentar resolver as coisas lá. Está tudo bem, ótimo assim. Chegando ao final eu falei: Não, eu não tenho nenhuma, nenhuma aptidão, nenhuma relação com a mico bactéria leprae, é uma bactéria, mas eu acho que aqui é a Dra. Lygia que tem que ficar. E finalmente foi aceito, aceito isso. Mas me criou problema na época porque tinha, aqui em cima naquele conjunto... você trabalhou ali ao lado, apareceu um português que botou um pé sujo lá, eu não sei se você se lembra.

PJ: Não.

EH: Tinha um botequim ali.

[01:15:00]

PJ: Ah, lembro! Claro.

LM: Ali dentro do Evandro Chagas?

EH: É. Ali naquele conjunto ali.

LM: Sei.

PJ: Me lembro.

EH: E aí veio a queixa, a queixa que o pessoal, os doentes de hanseníase que vinham aqui, eles faziam refeições lá no boteco do português. Aí (**rindo**) eu tive que resolver lá, conciliar a situação...

LM: E como o senhor resolveu isso?

EH: Hein?

LM: Como o senhor resolveu isso?

EH: Eu resolvi o seguinte, eu falei: Faz uma área separada, mas não escancarada pra essas pessoas que venham de lá, você já conhece mais ou menos, você vai... de café, café com leite, pão, nada mais.

PJ: É. Eu trabalhei lá nunca soube dessa história.

EH: Essa história. Então havia essa recusa e ele falando...

LM: Gente, como a hanseníase é uma doença que ainda tem estigma, né? Impressionante.

EH: “Agora eu estou perdendo, eu estou no prejuízo. Dr. Resolve, resolve.”. Até ficou aí e a gente conciliou um certo tempo, mas eram coisas anexas à atividade. E tem muitas outras histórias. (**Risos**)

LM: Mais alguma outra que o senhor queira falar?

EH: Não, não.

LM: Dr. Ernesto, a gente agradece muito a sua disponibilidade de conversar com a gente, de gravar essa entrevista, a gente agradece imensamente, não é, Pedro?

PJ: Com certeza.